



Uma leitura sobre *bullying* e preconceito a partir do Simbólico e do Imaginário da Psicanálise

Fernanda de Sousa e Castro Noya Pinto
Universidade de São Paulo
fernandascn@gmail.com

RESUMO

Neste artigo, norteados pela questão sobre qual é lugar que o outro semelhante ocupa, procuramos abordar a participação da dimensão subjetiva presente em duas formas de violência: o *bullying* e o preconceito. Apresentamos leituras de falas de autores e vítimas de *bullying* e de autores de atitudes preconceituosas, alicerçadas nas ideias psicanalíticas do Simbólico e do Imaginárioⁱ como contribuição para o entendimento da dimensão inconsciente que sustenta a relação com o diferente. Acreditamos que cada uma das duas formas violentas de lidar com a diferença – o *bullying* e o preconceito – tenham aspectos próprios e bastante distintos. Foi possível constatar que os registros Simbólico e Imaginário, descritos pela psicanálise, podem ajudar na compreensão de tais fenômenos, uma vez que oferecem referências para pensar os modos de enxergar o outro, as diferenças, e aquilo que causa algum incômodo. Mais especificamente que o Imaginário serve como base para pensarmos sobre o *bullying* enquanto o Simbólico pode nos ajudar na compreensão sobre ações preconceituosas. Nossa contribuição foi no sentido de trazer elementos, especialmente aqueles que são inconscientes, que permitem repensar aspectos envolvidos nas formas de violência investigadas, a partir de uma interpretação que toma como base a psicanálise lacaniana.

Palavras-chave: *Bullying*; Preconceito; Psicanálise.

On bullying and prejudice from the Symbolic and the Imaginary

ABSTRACT

In this article, oriented by the question about what is the place of the similar function, we try to approach the participation of the subjective dimension present in two forms of violence: bullying and prejudice. We present readings of speeches by authors and victims of bullying and authors of prejudiced actions, based on the psychoanalytic ideas of the Symbolic and the Imaginary, as a contribution to the understanding of the unconscious dimension that sustains the relationship with the different. We believe that each of the two violent ways of dealing with difference - bullying and prejudice - have their own and quite distinct aspects. It was possible to verify that the Symbolic and Imaginary registries, described by psychoanalysis, can help in



the understanding of such phenomena, once they offer references to think about the ways of seeing the other, the differences, and what causes some discomfort. More specifically, the Imaginary serves as a basis for thinking about bullying, while the Symbolic can help us understand prejudiced actions. Our contribution was to bring elements, especially those that are subconscious, which allow us to rethink aspects involved in the forms of violence investigated, from an interpretation based on Lacanian psychoanalysis.

Keywords: Bullying; Prejudice; Psychoanalysis.

O presente artigo apresenta leituras de falas de autores e de vítimas de *bullying* e de autores de atitudes preconceituosas, a partir de uma leitura que toma como base a psicanálise lacaniana – mais precisamente suas ideias sobre o Simbólico e o Imaginário – como contribuição para o entendimento das maneiras subjetivas de se lidar com a diferença e o diferente. O imaginário é um dos três registros fundamentais da constituição subjetiva propostos por Lacan (1953/2005) e não deve ser confundido com meras imaginações, pois tem uma importante função organizadora do eu. Ele é também o reino das ilusões onde não cabem a falta, nem a diferença. O Simbólico, por sua vez, também um registro da constituição subjetiva, é o campo onde as relações são mediadas pela linguagem. Nele, as relações podem ser dialéticas e as diferenças podem coexistir.

De outro modo, a questão que nos norteia é: qual é o lugar que o outro semelhante ocupa para aquele que pratica tais formas de violência? Acreditamos que cada uma das duas formas violentas de lidar com a diferença – o *bullying* e o preconceito – tenham aspectos próprios e bastante distintos. Os registros Simbólico e Imaginário, descritos pela psicanálise, podem ajudar na compreensão de tais fenômenos, uma vez que oferecem referências para pensar os modos de enxergar o outro, as diferenças, e aquilo que causa algum incômodo.

No escopo deste artigo, faz-se importante apresentar uma breve distinção entre violência e agressividade. Sigmund Freud (1905/1988) e Jacques Lacan (1949/1998) afirmam que a agressividade é constitutiva do sujeito. A agressividade necessária à busca das relações com os objetos está na base da constituição psíquica. Segundo os dois autores, a agressividade está tanto na ordem constitutiva do ser humano, quanto na ordem libidinal. Assim, não existe desejo de eliminação de um outro ou prazer em fazê-lo sofrer, mas o reconhecimento de um endereçamento da agressividade, o reconhecimento de um outro. Marin (1999) denomina a agressividade constitutiva enquanto violência fundamental, distinguindo-a da violência que visa a destruição do outro. Costa (1986) indica que há traços específicos que caracterizam a violência, como humilhar o outro com prazer, dirigir-lhe uma agressividade exacerbada e bruta, causar-lhe sofrimento intencionalmente. “Não há,



portanto, violência instintiva, porque falar de violência é falar de uma intenção de destruir” (VILHENA & MAIA, 2002, p. 35). A violência desqualifica o outro e, portanto, seu estatuto enquanto ser humano.

Também é fundamental para este trabalho apresentarmos a definição de *bullying* e de preconceito com a qual trabalhamos, uma vez que tais atitudes humanas vêm sendo estudadas há tempos por diferentes correntes e contam com vasta bibliografia. Somos partícipes da tradição de compreensão sobre os fenômenos orientada pela psicanálise e pela teoria crítica e seus representantes. Em relação ao *bullying*, compreendemos que ele “é traduzido como intimidação ou provocação que um indivíduo mais forte ou mais ardiloso, sozinho ou em grupo, pratique de forma constante e por determinado período contra pessoas que não conseguem reagir a essa hostilidade” (ANTUNES; ZUIN, 2008; FANTE, 2005; LOPES NETO, 2005 apud CROCHICK, 2015, p.38).

No que se refere ao preconceito, ele é aqui entendido como

uma atitude, e como tal tem três dimensões: uma cognitiva, uma afetiva e uma tendência para a ação. A dimensão cognitiva se refere aos estereótipos, mas também a argumentos bem elaborados que sutilmente o promovam, uns e outros desenvolvidos por meio de uma ideologia que os contém e que justifica o preconceito para quem o desenvolve e para os outros; é necessária uma explicação, ainda que vaga para que haja essa atitude hostil; cabe enfatizar que tal hostilidade em hipótese alguma é provocada pela vítima; trata-se de projeção, no sentido psicanalítico, de desejos, medos, expectativas sobre seus alvos. O fato de haver necessidade de justificativa para a discriminação, que é a ação correspondente ao preconceito, indica que essa atitude não é julgada natural, esperada, mesmo pelo preconceituoso. (KRECH; CRUTCHFIELD; BALLACHEY, 1975 apud CROCHICK, 2015, p. 31).

Embora tanto o *bullying* quanto o preconceito sejam modos de lidar com o outro de forma violenta, levantamos a hipótese de que escolher uma ou outra maneira de relação com a diferença diz respeito a aspectos inconscientes distintos no trato com o outro. Para verificá-la, analisamos o que nos revelaram as falas apresentadas por jovens que praticam ou são alvos de *bullying* e/ou de preconceito, a partir dos elementos fundamentais encontrados na teoria psicanalítica lacaniana dos registros do Real, do Imaginário e do Simbólico. Neste artigo, utilizaremos os registros Imaginário e Simbólico para procedermos à análise. Foram analisadas as respostas de 16 alunos(as) do 9º ano do ensino fundamental de escolas públicas e privadas das zonas sul e oeste da cidade de São Paulo sobre *bullying* e preconceitoⁱⁱ, em 2017. A participação foi voluntária e as entrevistas foram sigilosas e individuais.



A constituição subjetiva

Para a psicanálise, o sujeito é marcado por sua condição subjetiva. Entende-se por subjetividade aquilo que caracteriza um ser humano, seu estilo singular, o que individualiza cada um de nós e isto inclui aspectos que são acessíveis à consciência e outros inconscientes. Porém, supor que existe outro sujeito e que ele é diferente de nós, não é algo inato, mas fruto de operações complexas e de um longo processo psíquico. Nessa perspectiva, o sujeito não consegue se distinguir espontaneamente daquele que o gerou, mas poderá fazê-lo (ou não) após uma complexa operação de constituição extraída das relações com outros humanos (os pais ou os cuidadores, em um primeiro momento). De tal operação emerge a constituição subjetiva de cada um, que será o modo próprio de interpretar as situações, de lidar com as dificuldades e de agir na vida. A psicanálise lacaniana trabalha com a ideia de constituição subjetiva advinda dos registros Imaginário (Estádio do Espelho), Simbólico (Complexo de Édipo) e Real (Teoria da Alienação), articulados ao mesmo tempo, em um enodamento. No presente trabalho consideraremos apenas os dois primeiros registros, o Simbólico e o Imaginário, como estratégia didática, uma vez que os três registros são enodados e operam juntos.

Quando nasce um bebê humano, ele é um corpo orgânico, real e concreto, que precisará de um adulto que lhe ofereça cuidados essenciais para sua sobrevivência, seja orgânica, seja simbólica. Para além da biologia e da genética, existe um psiquismo que precisa ser construído. Para Lacan (1955-1956/1985; 1957-1958/1985), essa construção se dá na relação com o Outro encarnado, no sentido daquele que está em carne e osso em um outro. Na psicanálise lacaniana, outro, escrito com letra minúscula designa o semelhante, o outro ser humano, aquele com quem nos relacionamos; enquanto Outro, com letra maiúscula, “em seu limite, confunde-se com a ordem da linguagem” (CHEMAMA, 1995, p 156). Podemos dizer que o Outro, com letra maiúscula, inclui a cultura, tudo que já está, o que conhecemos e o que existe na ordem cultural, social, política, crítica, estética, ética e que regula e normatiza a vida.

O corpo do recém-nascido é, desde sempre, banhado pela linguagem: os planos dos pais, os sonhos das famílias e as conjecturas a respeito daquele ser. Vale ressaltar que planos dos pais e sonhos das famílias são apenas exemplos de uma diversidade de possibilidades que o ser humano tem de ser recebido no mundo. O que a nós importa marcar é que um ser humano precisa ser recebido por outro ser humano que já estava no mundo antes dele. É importante também que tal recepção conte com certa apresentação deste



mundo. Segundo Arendt, “na medida em que a criança não tem familiaridade com o mundo, deve-se introduzi-la ao poucos a ele; na medida em que ela é nova, deve-se cuidar para que essa coisa nova chegue à fruição em relação ao mundo como ele é” (ARENDT, 2007, p. 239).

O adulto que recebe o bebê humano pode supor que ali já exista um sujeito a quem se deva transmitir conhecimentos e educar. Essa operação, que a psicanálise chama de função materna, é a antecipação de um sujeito no bebê feita pelo cuidador. Um exemplo clássico disso são as nomeações que os adultos fazem dos sons que o bebê bem pequeno emite, como dizer que o choro é um choro, atribuir sentidos a ele – está chorando porque tem fome, sono ou frio – e, então, oferecer-lhe o peito ou a mamadeira, embalá-lo ou agasalhá-lo. Supor que um bebê chore por estar com sono, dizer isso a ele e niná-lo, é fazer suposição de sujeito, é marcá-lo e colaborar para que inicie seu percurso rumo à constituição de um sujeito psíquico.

Ainda como parte das operações fundamentais constitutivas de um sujeito psíquico, o bebê humano precisa se distinguir daquele que o gerou. No início, o eu e o outro são apenas um e, após uma série de operações psíquicas, algumas conscientes e outras inconscientes, vividas nas relações com os outros (semelhantes), a criança pequena poderá distinguir aquilo que é o *eu* do que é a mãe ou o cuidador e perceber que é um ser inteiro e independente. As ausências do adulto cuidador, os intervalos entre as mamadas, as diferenças entre o dia e a noite oferecem ao pequeno humano a oportunidade de diferenciar o eu do não eu.

O Imaginário e o *bullying*

Enquanto faz as nomeações para o bebê, cuidador e bebê estão em uma relação narcísica e de completude, onde não cabe a falta. É um momento de pura ilusão em que o bebê se faz objeto para atrair e fisgar o olhar do cuidador. Uma cena clássica bastante ilustrativa desse momento é quando o bebê oferece o pezinho ou a barriguinha para ser beijado.

Um pouco mais adiante, a criança poderá se perceber, ilusoriamente, enquanto imagem unificada, momento inaugural do sujeito psíquico. Podemos dizer que nossa imagem própria advém do outro. Neste sentido, Lacan (1949/1998, p. 97) explica que



A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de *infans* parecer-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito.

Temos, então, que a expressão de júbilo da criança ao reconhecer como sua a imagem no espelho é uma evidência de que há uma unidade ilusória do eu, mesmo em tempos de impotência motora. Instaura-se, para o bebê, a noção de uma imagem corporal diferenciada do outro. Para a psicanálise, é o olhar do outro (agente materno) que proporciona elementos para que o bebê construa a imagem de si mesmo. Trata-se de proporcionar-lhe as identificações com a imagem especular que este agente promove. A isto chamamos de Imaginário. Como dissemos no início, o Imaginário é o reino das ilusões, onde não cabe a falta. Aqui, o sujeito não distingue aquilo que é dele e o que é do outro, a não ser pelo que o outro diz dele, e corre ainda o risco de tornar-se aquilo que o outro diz. Um exemplo disso é quando chamamos uma criança pequena de feia e ela chora, acreditando de fato feia.

Encontramos, na prática do *bullying*, esse tipo de relação com o outro, em que a vítima parece se definir a partir daquilo que o outro diz a seu respeito. O olhar do outro marca e constitui o que ela é a partir de imagens concretas, tal como nos aspectos centrais do registro Imaginário. De outro lado, o autor do *bullying*, ao enxergar no outro aspectos que o incomodam, utiliza uma lógica simples: a partir de uma imagem do outro, pratica-se uma violência. A palavra usada para praticar a violência é autoexplicativa, corresponde a uma imagem externa, observável. A tentativa é fazer com que aquilo que incomoda por ser diferente desapareça, seja aniquilado. Vale observar que, na maior parte das vezes, as razões pelas quais aspectos no outro incomodam são inconscientes ao sujeito.

O Simbólico e o preconceito

A sustentação da construção lacaniana da teoria sobre o Imaginário pode ser encontrada parcialmente em conceitos desenvolvidos por Freud (1914/2010), como narcisismo e o papel do Eu (Ego). O equivalente a tal sustentação para o Simbólico, conceito lacaniano, seria a dissolução do Complexo de Édipo freudiano (FREUD, 1924/2011), do qual Lacan fará uma releitura. Se o que está em jogo no Imaginário são as relações eu-outro, o



Simbólico será marcado pela entrada de um terceiro na relação dual existente entre cuidador e bebê. O tema central do Complexo de Édipo é a castração, que dará ao sujeito a marca sobre como lidar com os limites, as leis e as regras. Tanto Freud quanto Lacan dedicaramse a entender a trama edípica que, em linhas gerais é a dita entrada de um terceiro na relação dual inicial entre cuidador e bebê. O desvio do olhar do cuidador para outra pessoa ou atividade, que não o bebê, introduz um terceiro ali. A essa interdição chamamos função paterna que, por ter estatuto de função, pode ser representada pelo pai ou por qualquer pessoa. A função paterna pode operar por meio do retorno ao trabalho do cuidador ou de seu interesse em coisas diversas daquelas relacionadas com os cuidados do bebê, por exemplo. É a função paterna que interdita a relação dual entre cuidador e bebê e assim possibilita que a linguagem entre em jogo como estruturante do sujeito.

Para a psicanálise lacaniana, é a possibilidade da falta materna que dará lugar ao surgimento do significante Nome-do-Pai como representante terceiro de uma relação primordialmente dual (LACAN, 1953/2005). Aquele que vem fazer a função de corte, de separação, de castração, exerce a função estruturante da constituição psíquica que chamamos função paterna. O bebê pode interpretar que algo lhe falta e, por esta razão, o cuidador foi buscar em outro lugar algo que o complete.

Uma vez que o bebê interprete o evento desse modo, podemos dizer que o sujeito teve o significante primordial da falta instalado e viveu uma castração simbólica. Neste caso, a falta do objeto primordial do bebê, a mãe ou o cuidador, possibilitará que ele deseje e busque outros objetos disponíveis, bem como os significantes ligados a eles, no campo da linguagem. Uma operação que exige simbolização uma vez que, para que o bebê tenha essa articulação psíquica, precisa conseguir simbolizar, ou seja, lidar com a presença na ausência, com uma representação. Como dissemos no início, o Simbólico é o campo em que as relações são mediadas pela linguagem, que é marcada pela falta, onde as diferenças podem coexistir, o que possibilita que se considere o outro como alguém com características próprias, desejos e vontades.

No que concerne ao preconceito, ainda que se encontrem aspectos semelhantes aos primeiros tempos da constituição subjetiva, é possível supor que haja alguma complexidade naquilo que apoiará o sujeito a encontrar lugar para o eu, pois estão envolvidos aspectos mais complexos do que apenas a imagem do outro. O preconceito parece requerer minimamente a suposição de que existe um outro, e que ele é diferente de si. A imagem não é o único elemento em jogo, pois incluem-se ideias a respeito de algo ou de alguém, ou seja,



a relação entre o eu e o outro e aquilo que ele representa. Uma relação triangular, portanto, com participação simbólica. Vale ressaltar mais uma vez que tais operações são inconscientes aos sujeitos.

Depoimentos sobre *bullying*

Apresentamos, a seguir, as respostas dos entrevistados autores de *bullying*, sobre as quais tecemos algumas considerações. Diante da pergunta: Neste trimestre, em relação aos seus colegas, você os xingou? De quê? Foram obtidas as seguintes respostas:

Sim. Chamo de gordola. Todos os gordos são gordolas!
Sim. Quando é negro, eu chamo de rosa – é um bom apelido (e ri).
Sim. Chamo o preto de Nescau, e o pardo, de leite condensado. Sim.
Narigudo, tucano – porque tem nariz grande, ué.

Os entrevistados alvos de *bullying* responderam à pergunta: Neste trimestre você foi xingado(a) por alguma colega? De quê? Por qual razão isto aconteceu? Como você lida com isso? Diante desse questionamento, obtivemos as seguintes respostas:

Me chamam de palito só porque tenho perna fina.
Me chamam de graveto – porque sou muito magra.
Me chamam de gorda todos os dias – fico chateada e revido em mim mesma – me cortoⁱⁱⁱ. Pesquisadora: “E o que te leva a fazer isso?”. “Dá vontade, e só faço um corte pequeno – quando fico chateada, me corto.”

Coletamos, também, as respostas de autores e alvos de *bullying*:

Me fazem xingamentos porque sou gorda e como defesa eu xingo de volta (burro, chato, hipócrita).
Penso que sair do mundo seria a melhor opção, já tentei me matar cortando os pulsos, aí entrei na igreja e isso foi a melhor solução.

Se considerarmos que estamos trabalhando com aproximações com a teoria lacaniana do Estágio do Espelho como formador da função do eu, podemos levantar a hipótese de que os autores de *bullying* têm sua imagem de “não gordo” e “não negro” confirmadas pela lógica eu/não eu, com base em imagens especulares. O olhar do outro marca e constitui o que o sujeito é, a partir de imagens concretas – gordo, magro, pardo, negro, narigudo etc.

Estas são leituras próximas daquelas realizadas nos primeiros tempos da constituição da subjetividade, momento em que a imagem é fundamental. A partir de uma imagem do



outro, que é diferente de si, o sujeito pratica uma violência verbal, utilizando palavras que correspondem a uma relação imaginária. Essa é uma maneira de afirmação subjetiva bastante frágil, pois quando é o outro a dizer quem é o sujeito, não há alteridade. Vale destacar que os alunos em questão estão no 9º ano do ensino fundamental, portanto, não se trata dos processos de constituição subjetiva em sua origem. Estamos apenas utilizando a lógica implícita a eles enquanto recurso de afirmação da subjetividade tardiamente.

Anteriormente, vimos as perigosas decorrências produzidas pelo modo de relação (imaginária) em que é o outro que define o sujeito. Se o cuidador diz ao bebê que ele é feio, ele se verá como feio na imagem especular. Parece haver semelhança no caso do *bullying*: o outro chama uma menina de gorda e então ela assim se define, como se ser gorda a definisse inteiramente. A solução encontrada pelas vítimas de *bullying* parece ser bastante concreta, operando no real do corpo, como no caso supra citado, em que a menina se corta quando xingada. Ela parece estar impingindo ao corpo aquilo que o psíquico não pode suportar. Na relação eu/outro que se organiza apenas em imagens, os sujeitos não têm recursos psíquicos suficientes para barrar o que vem desse outro.

Foi possível perceber, tanto no discurso de autores de *bullying*, quanto no de seus alvos, que não há diferenças na lógica discursiva de quem o pratica e de quem o sofre. Do ponto de vista psicanalítico, trata-se da mesma forma de lidar com a questão, ambas pautadas no imaginário, tanto quando o sujeito está na posição de autor, como na de vítima, ou, como podemos observar nos discursos acima, quando o aluno ocupa os dois lugares.

Sobre atitudes preconceituosas

Apesar de também encontrarmos aspectos imaginários – nos quais a dificuldade em lidar com a falta e o diferente estão presentes –, naqueles que assumem atitudes preconceituosas encontramos alguém capaz de fazer uma suposição de sujeito, o que implica alguma simbolização, como podemos verificar nas falas a seguir.

Os deficientes me incomodam porque não aprendem.

Eu não faria amizade com um afeminado porque a sociedade não aceita, só gosta de pessoas normais. Estão acostumados a lidar com pessoas normais, é meio que um preconceito, sabe?

Gay não, tenho nojo porque uma amiga já deu em cima e disse que me queria. Pessoas gays tem uma tendência a querer uma amizade sexual e não serem só amigos.

Eu não seria amiga, nem faria trabalho escolar, nem convidaria para ir à minha casa, um autista – porque não saberia lidar com ele, não saberia conversar, precisa de alguém que saiba lidar com ele.



Não dá para ser amigo de autista, eles aprendem de outro jeito por causa da deficiência, não acompanham o mesmo pensamento.

Não tenho nada contra o deficiente, mas não seria amiga nem levaria na minha casa. Alguma coisa poderia acontecer...sei lá.

Deficiente não aprende por questão clínica, o cérebro demora para processar. Não é porque é burra, é a deficiência. Não dá para ser amiga.

Diferente do praticante do *bullying*, que busca apenas na imagem elementos de apoio, o sujeito preconceituoso baseia-se em ideias, em certa relação com a história, em algum conhecimento de elementos específicos de determinada cultura ou religião, por exemplo. No preconceito, existem ideias e fantasias a respeito de algo ou de alguém. A fala preconceituosa não é autoexplicativa: mais informações são necessárias para entendê-la. Nas falas citadas, há uma ideia específica sobre o que seja uma pessoa deficiente ou um autista, ideia que pode ser diferente para outro sujeito preconceituoso. Importa o que deficiência representa para cada um dos sujeitos preconceituosos. Da mesma maneira que no terceiro tempo do Complexo de Édipo, há uma relação triangular: eu, outro e a representação de algo (ou alguém).

O preconceito requer a suposição de que existe um outro e que ele representa algo que não lhe agrada: “Os gays só querem amizade sexual e eu sou diferente deles, quero amigos sem pensar em sexo”, “Alguma coisa poderia acontecer levando um deficiente para casa”. Há fantasia sobre o outro, o sujeito mostra algo seu ao falar desse outro. Quem tem preconceito, supõe que seu alvo seja capaz de alguma ação, portanto, supõe um sujeito no alvo, o que implica alguma representação, alguma simbolização.

Sobre propostas possíveis para tratar do bullying e do preconceito

A partir do exposto, podemos considerar as implicações para a distinção de *bullying* e preconceito a partir do Imaginário e do Simbólico. Os exemplos apresentados e sua articulação com algumas considerações teóricas levam a crer que a questão central reside no tratamento da diferença, considerando existirem aspectos inconscientes na trama. No *bullying*, a tentativa é de eliminar a diferença – o outro que incomoda é não eu e, portanto, indesejável, aniquilável, o que faz com que não haja abertura para o diálogo.

As estratégias para pensar em ações *antibullying*, devem contar com a lógica dual – ter ou não determinadas características –, neste caso, não nos parece eficaz acreditar que o sujeito responderá a argumentos simbólicos, como quando pede-se ao aluno que se



coloque no lugar do outro, por exemplo. Faz mais sentido pensar em estratégias que utilizem imagens para construir alguma simbolização, ainda que ortopedicamente, bem como propostas que possam introduzir alguma dúvida na certeza do praticante de *bullying*. Já no caso do preconceito, que se alimenta da desinformação, acreditamos que as estratégias que visem ao esclarecimento podem ser efetivas.

No caso do *bullying*, é necessário pensarmos em propostas que façam frente a ele, como trazer para o diálogo os temas que aparecem nas falas de seus praticantes. Entretanto, precisamos estar atentos para não tomar o alvo de *bullying* apenas como alguém que não consegue se defender e que, por isso, precisa de proteção, colocando-o no lugar de vítima, desta forma, reforçando o lugar imaginário onde ele crê estar. De outro lado, também é preciso ter cuidado para não tomar o autor de *bullying* apenas como o vilão da história, reforçando o lugar de potência em que ele quer estar, também uma posição imaginária. É interessante considerar a importância do sofrimento que está presente nessas situações, sem deslegitimar ou minimizar os acontecimentos, de modo a intervir e interditar a situação, e não as pessoas envolvidas. Tanto para as vítimas quanto para os autores de *bullying*, podemos fazer boas perguntas, questões que introduzem alguma dúvida na certeza dos sujeitos. De qualquer maneira, é essencial que o professor mostre à classe que está percebendo os atos de *bullying* e de preconceito, que discorda e não apoia essas situações. No caso do *bullying*, diante da importância que a imagem tem, a presença de adultos atentos é fundamental, tanto para autores, quanto para vítimas.

Por outro lado, no caso do preconceito, aparece uma abertura para o diálogo: o diferente não precisa ser eliminado, porém se não estiver por perto, melhor. Escolas especiais fomentam o preconceito, pois excluem da vida social os diferentes. Vale ressaltar que enquanto nem todo mundo pratica o *bullying*, o preconceito é algo do ser humano. Ambientes mais inclusivos e diversos podem promover a diminuição de ideias e de atitudes preconceituosas. Ao fazer com que o autor de preconceito conviva com aquele que representa algo que o incomoda, com algum tipo de mediação, contribuímos para que ele construa outros tipos de representações e possa modificar sua atitude. Algumas possibilidades de atuação para prevenir e lidar com o preconceito são a introdução do diálogo, o investimento na construção de práticas educativas que valorizem e incentivem a expressão de cada um, a elaboração de propostas que promovam a interação entre os alunos, sua participação ativa e sua colaboração no cotidiano escolar – todas estas práticas baseadas em valores essenciais à vida digna.



A participação do imaginário em nossas vidas é constante e, mesmo sem percebermos, muitas vezes fazemos aquilo que não queremos que nossas crianças façam. Vale fazermos uma reflexão a respeito de tantos espaços de nosso entorno que também são imaginarizados. A dimensão inconsciente está presente inclusive do lado dos educadores, e também precisa ser levada em consideração. Apenas a título de ilustração, não raro escutamos nas reuniões entre educadores justificativas para o mal comportamento de algum aluno como a de que ele vem de uma família desestruturada, por exemplo. Caberia aqui a pergunta: o que é uma família desestruturada? A ideia de família estruturada não estaria também a serviço do imaginário?

Considerações Finais

Considerar os registros Imaginário e Simbólico da psicanálise lacaniana como base para a compreensão de aspectos subjetivos envolvidos na prática do *bullying* e em atitudes preconceituosas contribuiu para a compreensão de importantes fenômenos envolvidos em ambas as formas de violência, além de trazer a perspectiva subjetiva, o que torna a ideia de pensar em estratégias de intervenção ainda mais complexa.

Este trabalho aponta para a importância de levar em consideração a dimensão inconsciente envolvida nas atribuições de lugares e sentidos daquilo que vem do outro semelhante, incluindo os lugares de alvo e vítima de *bullying* e de ações preconceituosas. Nesse sentido, vale lembrar que isto inclui também aqueles que estão envolvidos no trabalho de combate a tais formas de violência. Estamos todos submetidos a um certo não saber que nos habita e que, muitas vezes, fundamenta nossas interpretações em relação às situações em que estamos envolvidos. Isto inclui a subjetividade do educador.

E, finalmente, faz-se importante abordarmos o tema da violência com as crianças e os jovens para a construção de uma sociedade que respeite a diversidade, que ofereça uma vida digna a todos os seus cidadãos. De modo contrário, a violência e o preconceito continuarão crescendo exponencialmente, produzindo vítimas e algozes. A psicanálise mostra o grande risco de se colocar em ato o que não pode ser dito. A saída que Lacan (1948/1998, p. 109) propõe para a superação da agressividade é o diálogo: “O diálogo em si parece constituir uma renúncia à agressividade, a filosofia, desde Sócrates, sempre depositou nele a esperança de fazer triunfar a via racional”. Nesse sentido, na pesquisa de



que participamos, nossa contribuição foi fazer circular a palavra, de modo que o não dito pudesse ser dito.

Referências

ARENDT, Hannah. A crise na educação. In: **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CHEMAMA, Roland (Org). **Dicionário de Psicanálise Larousse**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

COSTA, Jurandir Freire. **Violência e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

CROCHICK, José Leon. **Formas de violência escolar**. Preconceito e bullying. Revista Movimento. ISSN 2359-3296. Ano 2, número 3, pp. 29-56, 2015.

FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In **Obras completas, volume 16: O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. Introdução ao Narcisismo (1914). In **Obras completas, volume 12: Introdução ao Narcisismo, ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. VII**. pp. 119-217 Rio de Janeiro: Imago, 1988.

LACAN, Jacques. O Estádio do Espelho como formador da função do eu (1949). In: **Escritos**, Zahar, RJ, 1998.

LACAN, Jacques. **O Seminário. Livro 3: As psicoses (1955-1956)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985)

LACAN, Jacques. **O Seminário. Livro 4: A relação do objeto (1956-57)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. **O Seminário. Livro 5: As formações do inconsciente (1957-58)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. O Simbólico, o Imaginário e o Real (1953). In: **Nomes do Pai**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

MARIN, Isabel da Silva Kahn. Sujeito, desamparo e violência. **Rev. Latinoam. Psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 75-88, Set. 1999. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47141999000300075&lng=en&nrm=iso. Acesso em 11 dez. 2020.



PINTO, Fernanda S.C.N. **Bullying e preconceito**: obras do Imaginário? Relatório final de pós-doutoramento, IP-USP, 2019. VILHENA, Junia de; MAIA, Maria Vitória. Agressividade e violência: reflexões acerca do comportamento anti-social e sua inscrição na cultura contemporânea. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 27-58, set. 2002. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482002000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 11 dez. 2020.

¹ Lacan apresenta os 3 registros RSI (Real, Simbólico e Imaginário) sempre articulados. Ele utilizou um sistema de nós (nó borromeano) para ilustrá-los. Tratá-los separadamente só faz sentido como estratégia didática de explicação dos fenômenos.

¹ As escalas da pesquisa “Violência Escolar: discriminação, *bullying* e responsabilidade” (CROCHICK, 2016) foram aplicadas em 72 alunos: duas salas de aulas (31 alunos) de 9º ano de uma escola da rede pública de São Paulo e duas salas de aulas (41 alunos) de 9º ano de uma escola da rede privada de São Paulo. Uma vez respondidos os questionários, as pesquisadoras convidaram os alunos para uma conversa sobre o tema: 32 alunos (12 da escola particular e 23 da escola pública) se propuseram a participar das entrevistas. Utilizamos 16 delas neste trabalho.

¹ Diante de tal depoimento a pesquisadora procurou saber se a aluna contava com algum apoio que a ajudasse a suportar tais vivências e verificou-se que ela estava em acompanhamento psicológico.

Recebido em: 16/12/2020

Aceito em: 04/05/2021